



CONTRADIÇÕES NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA: A NECESSIDADE DE UMA HISTÓRIA DE PRÁTICAS E SABERES ENQUANTO ATO POLÍTICO EM TEMPOS DE EROÇÃO CULTURAL¹

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3579

Manoel Adir Kischener, UEM
Everton Marcos Batistela, UTFPR

Resumo

A intensificação da modernização agrícola tem produzido além do esvaziamento demográfico e problemas relativos a sucessão no campo, uma erosão cultural, isto é, toda uma gama de saberes dos agricultores ditos tradicionais está a se perder. O campo brasileiro vem sofrendo transformações econômicas e culturais, há um cenário dicotômico que traz ao mesmo tempo e, às vezes no mesmo espaço, agricultores familiares e os chamados agricultores do agronegócio em disputa por territórios e representação política frente a sociedade. Nesse sentido, o texto objetiva mostrar, a partir da história de vida do primeiro autor e do apoio da bibliografia de área, a chamada fase da agricultura tradicional recuperando saberes, práticas e estratégias que mantinha e organizava aquele meio de vida (que ora se modifica em quase todas as regiões rurais brasileiras) e que se fazia representativo dos agricultores familiares. Assim, busca-se através desta narrativa demonstrar o que já foi e para onde está indo à atividade neste setor (na atualidade conformando-se em um novo padrão produtivo e de sociabilidade na agricultura, que também é produtor de vazios demográficos e culturais). A estagnação política que vivenciam os movimentos sociais do campo na atualidade contrasta com o cenário positivo de superávit da balança comercial brasileira associado ao chamado agronegócio e, passa se estabelecer um ideário de agricultura derivado de um projeto político de sociedade que acoberta uma agricultura tecnológica e sem pessoas, assim, recuperar uma história de vida dos tempos áureos da agricultura tradicional torna-se um ato político de contraponto a este modelo.

Palavras Chave:

História de família;
Memória; História da
agricultura e dos
movimentos sociais no
campo.

¹ Trechos, ideias, aqui expostas já foram apresentados em outros eventos neste ano (IV Jornada Agrária, XIII EDUCERE), sem incorrer tentativa de autoplágio e, sim de divulgar, amplamente, estas e, com isso, se espera, estimular o diálogo sobre essa temática.

Introdução/Justificativa

Se em tempos atrás o campo estava cheio, hoje, com a crescente industrialização da agricultura e, mesmo modernização intensificada especialmente depois da “Revolução Verde”, o dilema, que se apresenta, é saber se alguém quer, deseja permanecer nesta atividade, pois, além das poucas condições de sucessão, que têm criado vazios demográficos.

A recente agricultura apresenta outro imperativo, a questão cultural, ou seja, os valores, as práticas, os saberes, as estratégias, as sociabilidades, enfim, o meio de vida que antes era tradicional, agora moderno, põe-se em risco de desaparecer mediante as últimas transformações.

A história enquanto ciência do vivido e do olhar trazendo inteligibilidade aos desafios do presente, muitas vezes despercebidos ao cidadão comum, anestesiado que está, pela enxurrada de informações e pelo adentrar do acontecimento na perspectiva da grande mídia e, especial pela popularização da internet nos últimos anos, Brasil adentro, deve se preocupar, também, com as temáticas antes relegadas aos estudos no olhar macro.

E se a sociedade esquece ou pensa que esqueceu determinados saberes, práticas ou mesmo histórias de períodos até recentes, pois vive-se a época do esquecer para ter acesso ao novo, como na canção dos Titãs, “A melhor banda de todos os tempos da última semana”, cabe ao historiador trazer à tona, aquele passado, com interesse, para ao menos possibilitar reflexão (não se trata de ver o passado de forma idealizada, pois não se volta a esse tempo).

O atual modelo de se fazer agricultura carrega em si ou está sendo estimulado pelos próprios formuladores de políticas públicas a ideia de padrão, de moderno. Consequentemente, em oposição ao modelo de antes, considerado tradicional que, deve ser superado, logo

esquecido, por seu atraso e não ter produzido as riquezas necessárias para desenvolver o país. Se isso não acarretasse problemas à vida das pessoas, para muito além de se tentar explicá-las dentro de determinada teoria (e se não couber se apertada, assim fazem alguns cientistas das áreas rurais) essa escrita não teria razão de existir. No entanto, o modelo mais estimulado e mais bem visto (que traz imensas riquezas, mas vazios demográficos, além de outros problemas de viés ambiental e mesmo de invasão às terras das comunidades tradicionais e indígenas, dentre outros aspectos, também tem dinamizado e aquecido a economia e a vida de consumo de serviços de regiões inteiras desse Brasil adentro, o interior, antes à margem, relegadas que estavam na História) pela mídia e parte da sociedade e, que traz em si a ideia de superioridade, de modernidade. Nesse sentido, o aspecto cultural da dita agricultura tradicional pode e deve ser explicitado, se não apenas ao exercício da memória, pois de fato a realidade se transformou, mas também no sentido educacional e mesmo político, enquanto ato de rememorar e passar adiante, afinal, por mais *perfeito* e tecnológico possa ser o atual modelo de agricultura (por muitos dito apenas como *agronegócio* em oposição a *agricultura*, mas as diferenças vão muito além deste jogo de palavras), poderá se/e beneficiar os agricultores, pois com mais saberes, experiência, os novos e os velhos desafios serão superados com maior rapidez nestes tempos de liquidez e concorrência acentuada.

Assim, mais pessoas poderão se beneficiar, mais vida e mais sentido (vivência, pessoas, aprendizados, legados, oportunidades, identidade; atos políticos, direitos e deveres; produtos, serviços, renda, riqueza etc.; dependendo do que se busca e de como se vê), consequentemente os espaços rurais poderão acalantar e desenvolver.

Objetivos

Neste texto busca-se no

entremeio das lembranças pessoais do primeiro autor, da memória coletiva, narrar a partir de parte da história de uma família de agricultores oriundos do Médio-Alto Uruguai gaúcho (dos anos de 1940 a 1980, aproximadamente) e, através desta recuperar as estratégias adotadas, a partir também de notas de leitura (pesquisa bibliográfica).

O *artesanato intelectual*, como sugere Martins (2013, p. 11) pode lançar mão “(...) até mesmo de invenção de técnicas de pesquisa e de exploração do rico filão de possibilidades”, que há, neste caso, nas histórias daqueles que vivem no meio rural.

Tratar-se-á, portanto, de uma história dos *simples*, daqueles “(...) cuja vida foi privada do sentido da duração do tempo, da permanência além da morte”, daqueles, enfim, que “(...) porque não têm a quem deixar a memória dos fragmentos, por isso mesmo, sem sentido. Estes, porque não têm o que herdar” (MARTINS, 1992, p. 17).

Enfim, uma memória daqueles, das sociedades tradicionais, esquecidos que são da/na história, com seus silêncios, mas que “(...) deveriam entrar no elenco da informação primária de que se vale a Sociologia [e também a História deveria] como expressão significativa dos emudecidos pelas circunstâncias históricas adversas” (MARTINS, 2014, p. 128, com acréscimo).

Histórias culturais antes da modernização agrícola

As lembranças a quem foi permitido lembrar, o ouvir os velhos e vizinhos na prática da agricultura, associadas às anotações de leitura e a vivência na agricultura e agora na academia do primeiro autor, condicionam a escrita deste relato.

Portanto, as lembranças tratam

de uma vida, da vida de muitos, duma família de sete filhos, das investidas em busca de alguma mobilidade social, das apostas, muitas vezes conservadora ou condicionada pelos ditames financeiros, que lançam ao mar bravio as vidas e os destinos daqueles que, geralmente, vivem à margem da sociedade e das ações governamentais. Aqueles que vivenciaram uma das fases da agricultura brasileira, a tradicional. Assim, não se intenta aqui fazer a história dessa família, apenas retratar parte da vivência destas e, alargar os horizontes no sentido de práticas de uma agricultura tradicional que, acreditasse, possa se generalizar (em especial na região Sul do Brasil).

Era época em que se necessitava de braços para a lavoura, famílias grandes, era regra, como em Itaberaí (GO), “Os filhos eram uma espécie de investimento dos casais, daí o adágio: ‘Filhos são a riqueza do pobre’. Uma prole numerosa tinha relação direta com a intensificação das atividades produtivas da família”, pois “quanto mais filhos, maior a quantidade de braços para o trabalho” (MARIN, 2008, p. 119).

Produzia-se praticamente tudo, por vezes se ouvia essa expressão “só comprávamos querosene e sal”, dada a autossuficiência que caracterizava este “tipo” de agricultura. Terras ainda férteis, a utilização de pousios relativamente longos, depois de derrubada desta capoeira, em geral, só com machado e foice, a ação do fogo ponha fim no pequeno capão, fazendo, novamente a roça de capoeira, prática amplamente utilizada ainda na região em meados dos anos 1970.

Mas que se indique, havia a autossuficiência, mas esta não era uma agricultura que buscava aportes de renda, portanto, diferente da *corrida do ouro*² que ocorre atualmente. Muitos até brincam com a expressão que antes seria a

² *Ouro* nesse caso é a soja. Como define-a Soares (2004, p. 3): “Essa prática se constitui em uma

nova corrida do ouro, só que dessa vez é o ‘ouro verde’ ou o ‘ouro do cerrado’, como chamam a soja no Mato Grosso”.

agricultura tinha a ver como a prática em se tratando de algo passado de pai para filho, cultural, portanto; e agora seria o *agronegócio* como uma forma de busca de lucro, um negócio especializado e, indiferente se geracional, pois qualquer um poderá praticá-lo, desde que domine técnicas e possua os recursos necessários fará a agricultura.

Era uma cultura alimentícia (a agricultura, para se alimentar, o sustento, com pouco comércio ou troca, apenas com o excedente) essencialmente, agora em processo de crescente mercantilização de quase todas as instâncias da vida social, como se fosse uma nova sociabilidade do capitalismo (STREECK, 2012).

Esta nova sociabilidade acabar por determinar a vigência de um novo padrão na agricultura (na maioria das regiões do Brasil) que vem “respondendo a um processo de multiplicação de mercados e de monetarização da vida social” (BUAINAIN et al, 2013, p. 112) e, da transformação econômica e cultural destas em *commodities*.³ (com a maior parte da produção voltado ao comércio, exterior).

Plantava-se milho, feijão, arroz de sequeiro, trigo, batata doce, pipoca, amendoim, ervilha, vassoura, cana de açúcar, mandioca, abóbora e moranga, mogango, melão e melancia, fava, quase sempre de forma consorciada, estratégia para uso racional da terra, pequena, relevo acidentado; as demais verduras na horta (com as “miudezas”, verduras, chás, condimentos etc.), mais próxima da casa.

A ideia de se fazer pousios, dado o tamanho pequeno da terra, sequer era considerada. Criava-se de tudo um pouco, desde galinhas, patos e porcos (desde a

matriz geradora, para a banha e capões para engorda).

Junta de bois e, pelo que se lembra sem vaca para o leite, existia, enfim, uma “biodiversidade doméstica” de animais (DIGARD, 2012), tanto para trabalho (bois), proteção e guarda da moradia (cães e gatos) e para alimentação (aves em geral e porcos); das plantas aos animais, se concretizava, na prática, o “plantar, criar, comer” (MENASCHE, SCHMITZ, 2009).

A preparação da terra se dava por aração com junta de bois, depois da roçada e queima, se fosse o caso, plantio com máquina manual; o milho era dobrado⁴, ficando na roça, plantando-se o feijão no meio das carreiras espaçosas (eram variedades que necessitam de espaçamento maior do que as da agora).

A família toda se envolvia, os irmãos mais velhos na lavrada, as irmãs plantavam, os mais novos na capina, juntamente com os pais, pois o trabalho na terra também é “uma forma de gerar um modo de vida que se produz e se transmite entre as gerações” (MARIN, 2008, p. 113).

As primeiras lembranças estão associadas a ir levar água aos mais velhos ou mesmo uma merenda, lá pelas nove horas da manhã, pois se começava a trabalhar muito cedo, depois das cinco e, se ia, em geral, “até enxergar”, ao escurecer. Horário de verão nunca existiu, ou foi seguido naquela região.

A “limpa” através da capina e, mesmo por arado, com bois, quando o milho ainda estava pequeno, também se dava arrancando a mão, preferencialmente em dias de chuva, levando até o limite da propriedade, ou mesmo colocando os inços com as raízes para cima, assim

³ A *commoditização*, ou a transformação de produtos agrícolas, especialmente em mercadorias é fruto da globalização recente, da liberalização dos mercados. Sobre esse processo, conferir (LONG, 1986).

⁴ Ato de dobrar o pé de milho logo abaixo das espigas, depois de maduro. Desta forma se

possibilita o plantio de outra variedade de planta, por exemplo, o feijão, de forma consorciada (no meio, no espaçamento das carreiras). Com isso melhor se utiliza a terra e, pode-se deixar por mais tempo na lavoura (facilitando no caso de não se ter galpões ou paióis para armazenar).

impedindo que se “pegasse” novamente. Nesta atividade se envolviam todos.

A colheita depois da dobra do milho se dava “quebrando” de forma manual, carregado por carroças cheias “até com carreiras” de espiga para aumentar a capacidade da carroça, “trilhando” com trilhadeiras movidas a motores comuns, em geral à óleo diesel e acionando com manivela, em conexão com a máquina através de correia de borracha.

Por vezes ocorria troca de dias ou mesmo algum auxílio ou mesmo “puxirão”, onde os vizinhos ajudavam.

Eram tempos de árduo trabalho e, essas ocasiões poderiam representar alguma sociabilidade, pois lazer nestes tempos quase que se resumia a ir aos cultos aos domingos e “dias santos”.

O filó⁵ talvez fosse o momento propriamente dito de lazer ou ainda, as novenas realizadas de casa em casa. Aos adultos não era reservado tanto lazer ou, nas percepções que se tem agora desta atividade, em geral, jogo de bochas (em cancha ou “48”⁶) e, para as mulheres a “reza” (que não se constituía só em encontro para oração e, também em oportunidade para se inteirar das novidades).

Para as crianças, uma série possibilidades potencializadas especialmente a partir da confecção de seus próprios brinquedos (como da planta jacaratia⁷, por ser de fácil manuseio no corte, tendo sua composição mole), jogando pedrinhas ou “bolitas” (bolinhas

de gude), brincando com bois, lavrando ou no potreiro, deslizando de algum pequeno moro com “casca de coqueiro”, fazendo carrinho de madeira com rodas cerradas de toras as mais redondas possíveis, de esconde-esconde, andar a cavalo, nadar e pescar (nos córregos, sangas e rios ou açudes).

Também se podia (antes do ambientalismo e jurisdição que não enxerga de forma positiva a forma de vivência equilibrada e saberes milenares de determinadas culturas) caçar (nas matas da vizinhança e beiras de rio), armar arapuca⁸ etc., desta forma, cá, como lá (Itaberaí, Goiás) “a infância tornava-se uma fase da vida dedicada ao aprendizado dos principais conhecimentos e significados da vida” (MARIN, 2008, p. 119), brincando e aprendendo.

Ouvia-se muito rádio também; a música: regional do Rio Grande do Sul, a caipira, também as étnicas, as bandinhas alemãs. Televisor era algo de luxo, muito raros no meio rural de então. Automóveis, então, só quem fosse “grande” proprietário.

Benzer, ir a curandeiros buscar remédios caseiros, adotar simpatias, disseminar estratégias das mais simples, como curar/sarar o pescoço dos bois de canga (“mijando” logo cedo, depois de acordar... se acreditava que essa urina, mais espessa e escura, continha mais sais e cicatrizava o “pisão” dos bois), castrar (mesmo porcas em verdadeiras cirurgias), tudo isso se aprendia, vivendo,

⁵ Prática ou hábito de visitar os vizinhos, nesta região, especialmente à noite, para conversar e mesmo confraternizar e partilhar alguma refeição.

⁶ Jogo com bochas diferentemente do mais comum que é rolando bochas em cancha plana e reta, em geral coberta, este se dá com a disposição de um círculo que pode ser em cima de um cepo de madeira ou elevação do solo ou de concreto, onde as quatro bochas ficam dispostas em círculo em forma de cruz, ou seja, uma a frente da outra e/ou dispostas ao lado do balim (bocha menor) ao centro; o jogador deverá preferencialmente tirar do círculo o balim, atirando a bocha de

distância previamente estabelecida, em geral, pelo menos 12 metros.

⁷ A *carica quercifolia*, da família *Caricaceae*. Utilizada também para fazer doces, com a parte interna do tronco, ralada, substituindo o coco, conferir Backes, Irgang (2002, p. 96).

⁸ Armadilha geralmente confeccionada a partir de taquara (bambu) para aprisionar pássaros, depois de ceva (processo de cevar, isto é, deixar alimentos para os pássaros se aproximem, que sejam amansados).

aprendendo.

Ainda em se tratando de estratégias, desde fritar a carne do porco em tachos e deixar em latas com a banha junto, mantendo por meses em qualidade original, fazer o charque (fumaceado acima do fogão a lenha), guardar sementes, fazer ajutórios e trocar dias, emprestar alguma máquina, por exemplo, de fazer quirera, a troca de carne, sempre tendo carne fresca quando algum vizinho carnear, a troca de favores aproximando-se de algum político (partidário, em geral da situação) etc.

No entanto, a estratégia educacional que podia e ainda pode permitir alguma mobilidade social, era pouco utilizada e, de veras, desestimulada, pois os “braços” deveriam concentrar na lavoura, na lida.

Ao longo dessa narrativa se buscou trazer elementos que demonstrassem o fazer e reproduzir de agricultores em práticas que se a museologia e o patrimônio histórico material e imaterial desejasse (e não se condenasse, por algum momento, também preservar os *simples*, os sem história) poderia *tombar*, afinal, não existem mais, senão na memória de alguns.

Por fim, como afirma Santos (1998, p. 38, com acréscimo) esse texto também procurou “(...) chamar atenção para uma bibliografia engajada” que busca um “(...) ‘novo olhar’ sobre os camponeses [agricultores em geral], procurando retratar alguns contornos” da “(...) transição temática alusiva à requalificação da política e da teoria da mudança social”.

Existem, portanto, olhares, perspectivas, visões, histórias dessas pessoas. E, no fundo, como a de todos, há pelo menos duas possibilidades e, conforme Thompson (2005, p. 83): “Em oposição ao tom populista da década de 1960, hoje em dia é moda entre os intelectuais descobrir que os trabalhadores eram (e são) intolerantes, racistas, sexistas, mas/e, no fundo, profundamente

conservadores e leais à Igreja e ao rei”, mas (e isso também interessa aos intelectuais que preferem apenas ver um lado, às vezes) “(...) uma consciência tradicional dos costumes (‘conservadora’) pode em certas conjunturas parecer rebelde”.

E nesse sentido quem quer lembrar desses agricultores? Interessa à História isso? Conforme Martins (1992, p. 17), apenas à “Quem carece de memória histórica – o desenraizado, o migrante, o sem história”, que, talvez, exista naqueles saudosos desse tempo retratado aqui, do que não volta mais, das artimanhas e armadilhas que a memória impõe.

Como se sempre fosse permitido e desejável confrontar e, com a necessidade da comparação, aquele tempo vivido em detrimento deste (atual, acompanhado na perspectiva de análise e, portanto, não vivenciado) e, assim, consequentemente, o primeiro com mais atenção, como se fosse melhor. A sociedade é dinâmica e vive suas transformações, para o bem e para o mal, depende da perspectiva e do olhar. Mas a memória necessita dos historiadores para ser lembrada.

Considerações finais

Este foi um relato para o exercício da memória e registro que pode ilustrar as recentes transformações da agricultura brasileira, pois, quase tudo que foi narrado não faz mais parte do presente, salvo raras exceções em algumas regiões. Uma outra agricultura se desenhou, com menos pessoas, mais exitosa no sentido da produção de riquezas, mas com um processo de erosão cultural se estabelecendo.

Certamente o trecho da canção abaixo pode ilustrar, em grande parte, no sentido da memória, do saber-fazer, das transformações tecnológicas recentes, afinal são duas fotografias do mesmo lugar (BOLLIGER, 2014), daquele modo de vida e para onde vai a agricultura brasileira:

“Não sei de onde vim, não sei pra onde vou

Perdi a memória, não sei quem eu sou

(...)

Eles pensam que estou fingindo mas é a pura verdade

Perdi o sentido de tudo minha mente está apagada

Hoje é o dia do meu julgamento estou doente, não lembro o passado

Não tenho nenhuma resposta certamente serei condenado”.⁹

Tratou das tentativas de manter-se a terra, ter condições de vivência na atividade agrícola e assim, possibilitar a sucessão. Esta foi postergada e por fim, não se efetivou, resultado das agruras, do sofrimento e parcas alegrias, do viver em essência no campo, condicionado pelo modelo de desenvolvimento, as apostas de um movimento social e as escolhas da própria família, afinal, isso também faz parte da história, o viver no campo ou na cidade contribuem para o desenvolvimento da sociedade.

As terras originalmente ocupadas pela família (e muitas outras das mesmas localidades) hoje estão com empresários, médicos, que as adquiriram e estão apostando em reflorestamento; aquelas comunidades antes vivas e densamente povoadas desapareceram, da mesma forma aquela sociabilidade característica. As áreas que ainda se mantiveram na agricultura empregam outra racionalidade, com viés produtivo com produção para renda (venda) e muito menos para a própria alimentação (a maioria não possui mais horta, por exemplo).

Enfim, a recente “espetacular ‘máquina de produção de riqueza’ em que foi transformada a agropecuária brasileira”

(NAVARRO, 2016, p. 34), têm perdido todos aqueles saberes (como a dobra do milho, hoje se colhe assim que estiver seco, e planta-se novamente, fazem-se duas safras no mesmo ano), que foram dispensados e perderam-se no tempo ou permanecem apenas na memória dos mais velhos.

E esta “máquina de produção de riqueza” mais existe porque “(...) o capitalismo se difundiu entre nós em combinação com técnicas econômicas de acumulação primitiva e técnicas sociais de recuo extenso na difusão e reconhecimento de direitos sociais” (MARTINS, 2011, p. 115) e, por fim, conforme o mesmo autor

“(...) as demandas sociais, ainda que feitas em nome da revolução social e política e do radicalismo político, se dão num amplo terreno de concessões possíveis que afetam o residual lucro extraordinário do capital, que se alimenta dos vários arcaísmos sociais, políticos e econômicos de nossas determinações históricas profundas” (MARTINS, 2011, p. 115).

Assim, finalizando, a estagnação política que vivenciam os movimentos sociais do campo na atualidade contrasta com o cenário positivo de superávit da balança comercial brasileira associado ao chamado agronegócio e, passa se estabelecer um ideário de agricultura derivado de um projeto político de sociedade que acoberta uma agricultura tecnológica e sem pessoas, assim, recuperar uma história de vida dos tempos áureos da agricultura tradicional torna-se um ato político de contraponto a este modelo e, um adentrar à História Política dos simples, se é que essa deseja se permitir.

As transformações ocorrem em todos os cenários, lá no campo e, espera-

⁹ Extraído da canção “Assino com x”, de Gilberto e Vadinho, mais conhecida na voz da

dupla “Gilberto e Gilmar, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VRB6Y3vgFFk>>. Acesso em 22/07/2016.

se, também na História, na forma como essa ciência percebe-se a si mesma e o possa se questionar quanto ao seu futuro, olhando pelos chamados pormenores do processo histórico, antes relegado.

Referências

BACKES, Paulo; IRGANG, Bruno. **Árvores do Sul**: guia de identificação & interesse ecológico. Santa Cruz do Sul: Clube da Árvore/Instituto Souza Cruz, 2002.

BOLLIGER, Flavio. Brasil agropecuário: duas fotografias de um tempo que passou. In: BUAINAIN, Antônio M. et al. (Editores técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21**: a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília: Embrapa, 2014, p. 1049-1080.

BUAINAIN, Antônio M. et al. Sete teses sobre o mundo rural brasileiro. **Revista de Política Agrícola**, ano XXII, nº 2, Brasília, abr./mai./jun., 2013, p. 105-121.

DIGARD, Jean-Pierre. A biodiversidade doméstica, uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal. Trad. Bernardo Almeida e Guilherme M. Fagundes. **Anuário Antropológico**, 2011-II, Brasília, 2012, p. 205-223.

LONG, Norman. Commoditization: thesis and antithesis. In: LONG, Norman et al. **The commoditization debate**: labour process, strategy and social network. Wageningen: Agricultural University of Wageningen, 1986, p. 8-23.

MARIN, Joel O. B. Infância camponesa: processos de socialização. In: NEVES, Delma P.; SILVA, Maria A. de M. (Orgs.). **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**. Vol. I: Formas tuteladas de condição camponesa. São Paulo: Editora da Unesp; Brasília: NEAD, 2008, p. 113-134.

MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Uma sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de

Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **A sociologia como aventura**: memórias. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **A política do Brasil**: lúmpen e místico. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: HUCITEC; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila C. Agricultores de origem alemã: trabalho e vida. In: GODOI, Emilia P. de; MENEZES, Marilda A. de; MARIN, Rosa A. (Org.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias. Vol. I: Construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: UNESP, 2009, p. 163-184.

NAVARRO, Zander S. de. O mundo rural no novo século (um ensaio de interpretação). VIEIRA FILHO, José E. R.; GASQUES, José G. (Orgs.). **Agricultura, transformação produtiva e sustentabilidade**. Brasília: Ipea, 2016, p. 25-63.

SANTOS, Raimundo. Camponeses e democratização no segundo debate agrarista. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C.; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luiz F. de C. (Orgs.). **Mundo rural e política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 35-58.

SOARES, Wagner L. Do rural para o rural: “a corrida do ouro verde”. In: **I Congresso da Associação Latino Americana de População**, ALAP, realizado em Caxambú, MG, Brasil, de 18 a 20 de setembro de 2004. Disponível em: <http://www.alapop.org/alap/images/PDF/ALAP2004_256.pdf>. Acesso em 02/06/2017.

STREECK, W. How to study contemporary capitalism? **European Journal of Sociology**, v. 53, p. 1-28, may./2012.

THOMPSON, Edward P. Patrícios e plebeus. In: **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura tradicional popular. Trad. Rosaura Eichenberg, 2ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 25-85.